Fundamentalismo: um desafio à atualização da Revelação Cristã

Faustino dos Santos[1]

Resumo

Esse trabalho busca levantar uma reflexão sobre como o fundamentalismo dificulta o processo de atualização da Revelação divina na história humana. Elaborado a partir de pesquisa eminentemente bibliográfica, esse trabalho, após fazer uma aproximação à compreensão da Revelação divina realizada na pessoa de Jesus de Nazaré, apresenta de que modo o fenômeno do fundamentalismo, que surge como um enfrentamento à cultura secular e resistente aos processos de leitura histórico-crítica dos conteúdos da fé, se configura como um desafio ou empecilho à atualidade da Revelação cristã na história.

Palavras-chave: Revelação. Fundamentalismo. Atualidade.

Introdução

A Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina do Concílio Vaticano II declarou: "aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade (Cf. Ef 1,9)" (DEI VERBUM, n. 2). À luz da Sua livre iniciativa, Deus suscita na humanidade a fé como resposta à Revelação, mas compete ao homem responder positiva ou negativamente a ela.

É a partir da relação entre Revelação e Fé que a teologia surge, ou seja, como uma reflexão sobre a experiência de fé que um povo faz com seu Deus, orientando sua vida de acordo com a vontade d'Ele. Mas, para esse povo fazer a vontade de Deus ou exercer sua fé, é preciso que ele antes O conheça, que ele tenha conhecimento sobre qual é a Sua vontade. E isso só é possível de acontecer se for na história, isto é, no mundo dos homens que de tempos em tempos sofre modificação. É nessa mesma história que a Revelação de Deus se atualiza para

[1] Mestre em Teologia Prático-Sistemática pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: faustinosantos17@gmail.com; ID Lattes: 9940697990059747.

tornar-se conhecida da humanidade.

Esse movimento de atualização nem sempre encontra acolhida e compreensão, muito embora ele seja inevitável e necessário. O fundamentalismo surge como aversão à mudança. Avesso à atualização dos signos da fé na história e amparado no idealismo do passado, o fundamentalismo apresenta-se como um desafio à atualidade da Revelação divina que precisa acompanhar as mudanças da história, ainda que não dispense as bases que a sustenta.

Para apresentar de que modo o fundamentalismo se configura como um desafio à atualização da mensagem divina, partiremos da relação entre Revelação, mundo e religião; apresentaremos o modo como compreendemos o movimento de atualização da Revelação e, por fim, diremos de que modo o fundamentalismo se configura como um empecilho à atualização da mensagem divina na história.

1 Revelação, Mundo e Religião

Em Jesus, "o Deus invisível se torna visível para viver próximo do ser humano e convidá-lo à amizade" (PAIM, 2015, p. 105). Nele, o núcleo da Revelação que é "o amor salvador de Deus ao homem" (SCHILLEBEECKX, 1968, p. 16) acha-se na história mundana. No homem Jesus, a história humana se converte em história da salvação, mas só sabemos disso se recebemos na fé sua Palavra profética.

Nessa história da salvação, "a situação do homem [...] constitui para Deus o meio de lhe testemunhar seu amor, e, para o homem, o meio de responder a este amor" (SCHILLEBEECKX, 1968, p. 16). Se a Revelação conflui dialogicamente Deus e homem, então essa relacionalidade só é possível de acontecer na história, no mundo. Portanto, "fora do mundo não há salvação" (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 13). Em outras palavras, "o amor de Deus não pode ser desligado da situação do engajamento histórico dos homens" (SCHILLEBEECKX, 1968, p. 16), muito embora a realidade da Revelação continue complexa porque não podemos dizer que o amor de Deus se esgota ou se confunde com/na história.

É verdade que, enquanto realidade sobrenatural, a salvação oferecida por Deus ao mundo é feita sob a forma da realidade terrena, isto é, a partir da humanidade de Cristo. Mas, vale considerar frente a isso que *história da Salvação*

não se confunde com *história da Revelação*. Se fizermos essa equivalência, estaremos limitando Deus às singularidades onde as pessoas fazem a experiência da salvação e têm consciência do modo como ela lhe é oferecida (o que aqui chamamos de história da Revelação). Mas Deus é maior que as singularidades.

Se dizemos que "o mundo e a história dos homens [...] são a base de toda realidade salvífica", isto é, "é aí que primordialmente se realizada a salvação", então a religião e Igreja enquanto "lugares especiais de salvação" (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 29) fazem parte da história da Revelação, que é quando a "história da salvação chega à experiência consciente e articulada da fé" (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 30).

Apesar de não podermos, sem mais, separá-las reciprocamente, sem a história geral da Salvação, onde Deus livremente toma a iniciativa de salvar todos os homens independente da consciência humana, é impossível uma história da Revelação, que articula experiência e a consciência de que Deus salva a humanidade. As religiões, nesse caso, são sacramento, anamnese ou a "lembrança vida em nosso meio desta vontade salvífica universal [...] e da absoluta presença salvífica de Deus em nossa história mundana" (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 31).

2 Atualização da Revelação Cristã

> O discurso na linguagem da fé sobre a ação de Deus na história tem uma base experimental em uma atividade humana muito determinada no mundo e na história. Pois o discurso humano sobre a transcendência de Deus não tem outro fundamento que nossa "contingência", ou seja, nossa limitação – nossa história mutável e precária do homem (SCHILLEBEECKX, 1995, p. 33).

Nessa afirmação de Schillebeeckx é possível perceber que aqueles que chegam ao conhecimento da salvação de Deus por qualquer mediação, cristã ou não, narram sua experiência à luz dos condicionamentos do seu modo de viver e perceber o mundo.

Se partirmos da afirmação cristã que em Jesus de Nazaré o Deus invisível se torna próximo da humanidade, havemos de afirmar duas questões que, ao nosso ver, daí emanam. A primeira é que apesar de os cristãos identificarem Jesus como o Senhor e Salvador das suas vidas, isso não pode significar que em Jesus a

história da salvação chega ao seu termo final ou que Jesus encerra a história da religião. A segunda é que, se para os cristãos o núcleo da mensagem salvífica remete a Jesus de Nazaré, então seus seguidores devem se esforçar por tornar presente o querer de Deus no mundo que foi revelado plenamente em Jesus. Nesse sentido, compete a presente comunidade de fé atualizar no agora da história a mensagem vivida e anunciada por ele, isto é, o Reino de Deus.

O fato é que o conhecimento de Deus revelado em Jesus há mais de dois mil anos, não significa que os cristãos devem viver a fé do/no passado. O que seria impossível, pois não pode ninguém do presente viver, sentir ou crer como fizeram os homens e mulheres do passado. O desafio que se monta sobre isso é a vivência no hoje daquela fé inaugurada pelas comunidades. Ou seja, atualizar a fé não se trata de abdicar as bases que a sustentam. Não se trata de perder de vista a experiência fundante da Revelação de Deus que se tem conhecimento pelo relato das primeiras comunidades cristãs, sob a qual a vida da Igreja foi edificada. "Tal atualização e até mesmo adaptação por parte dos crentes não anula de forma alguma a memória histórica do que Jesus disse e fez" (SCHILLEBEECKX, 1995, p. 175). Por isso, compete aos crentes exercer sua fé recebida de modo atual.

A Igreja confessa que Jesus vive nela através do dom do Espírito, por isso, atualizar a mensagem de Jesus é permitir que a força do seu Espírito continue suscitando santidade na comunidade de fé que se formou e que se desenvolveu em torno dele. Trata-se de fazer "uma experiência de uma vida nova, dominada pelo Espírito, mas lembrando Jesus" (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 38).

"O 'significado universal' da mensagem de Jesus [...] por sua própria natureza, em circunstâncias que foram alteradas, tem que ser ajustado ao tempo presente: exige sua atualização" (SCHILLEBEECKX, 1995, p. 175).

> A comunidade eclesial que vive hoje dá testemunho da atualidade viva, aqui e agora, do Evangelho de Jesus, que encontrou seu precipitado constitutivo na Escritura. A Escritura permanece assim o texto de referência necessário, mas as comunidades eclesiais fazem do texto uma palavra viva aqui e agora, baseada na constante dialética entre, por um lado, o relato do Novo Testamento da vida e morte do Jesus histórico e, por outro, a vida do Espírito de Deus, reconhecido como o Espírito de Jesus Ressuscitado, na Igreja do presente. (SCHILLEBEECKX, 1995, p. 175)

Para realizar tal atualização da resposta de fé na busca por ser "um sinal sócio-histórico, visível e tangível, de libertação" (SCHILLEBEECKX, 1995, p. 176), a comunidade dos seguidores de Jesus precisa ser otimista com o mundo que de tempos em tempos se atualizada. Crer hoje requer a capacidade de comparar os modos de viver do ontem e do hoje, bem como o exercício da práxis de fé de acordo com um tempo e outro.

3 Fundamentalismo: um desafio à atualização da Revelação Cristã

O termo fundamentalismo, originário do ocidente cristão no contexto que chamamos de modernidade, surge como ofensiva aos processos emancipatórios e plurais, entendidos como "ameaças", na busca por "restaurar a certeza ameaçada" ou ordem perdida (BERGER, 2017, p. 34). Tal ofensiva é feita sob justificativas baseadas em argumentos que responderam a questões no passado que, no entanto, já não surte o mesmo efeito no presente e tampouco servirá para o tempo futuro.

O tema do fundamentalismo é escorregadio, amplo e ambíguo e, dependendo do contexto, pode ter várias aplicações nos âmbitos bíblico, teológico, religioso etc. Aqui utilizamos o termo remetendo às suas implicações fundacionais, isto é, fundamentalismo enquanto ofensiva contra a atualização/adequação dos dados da fé às mudanças do mundo provocadas pela secularização/modernidade.

Enquanto para se atualizar na história, a mensagem de Jesus, sem desconsiderar o seu essencial, necessita se ajustar às mudanças do século, o fundamentalismo surge exatamente como resistência contra as adequações dessa mensagem às mudanças do mundo. Isto é, sua motivação está no "enfrentamento com a cultura secular" (GIBELLINI, 1994, pp. 11-12) à luz duma leitura estritamente unilateral e "dogmática" da bíblia e dos conteúdos da fé.

Ao passo que, ponto de vista religioso, "o fundamentalista não pretende a modernização da religião" (DREHER, 2005, p. 560), do ponto de vista teológico, o fundamentalismo "entendia-se como contraofensiva a uma Teologia orientada em método, que estava interpretando os conteúdos da fé, especialmente os textos bíblicos, a partir de uma perspectiva histórico-crítica" (DREHER, 2005, p. 559). Em outros termos, o fundamentalismo é contrário ao método que prevê a leitura

histórico-crítica dos conteúdos da fé. É deste modo que ele se configura como um empecilho à atualização ou adequação da Revelação divina na atualidade dos tempos.

Uma postura fundamentalista no trato dos conteúdos da fé, por exemplo, entende que a Bíblia, como "Palavra de Deus deve ser lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes". Porém, não consegue perceber que essa postura "exclui o esforço de compreensão da Bíblia que leve em conta seu crescimento histórico e seu desenvolvimento". Não há espaço de entendimento que "o mesmo Espírito Santo, que inspirou os livros sagrados, continua a agir na Igreja para a sua reta interpretação e atualização" (AKAMINE, 2014, n.p).

A recusa da atualização da fé justificada pela preservação *ipsis litteris* do que se viveu no passado, desconsidera o aspecto histórico da Revelação e isso implica numa negação da própria Encarnação do Verbo. Denota uma recusa que a Palavra de Deus tenha sido expressa em linguagem e na história humana sob as condicionantes da limitação humana.

Em se tratando da Bíblia,

> a leitura fundamentalista tende a tratar o texto bíblico como se ele tivesse sido ditado palavra por palavra pelo Espírito e não chega a reconhecer que a Palavra de Deus foi formulada em uma linguagem e uma fraseologia condicionadas por uma época. Muitas vezes o fundamentalismo bíblico torna histórico aquilo que não tinha a pretensão de historicidade, pois ele considera como histórico tudo aquilo que é contado com os verbos em um tempo passado, sem a necessária atenção à possibilidade de um sentido simbólico ou figurativo (AKAMINE, 2014, n.p).

Ao impor barreiras contra a atualização dos signos da fé no percurso dos tempos, o fundamentalismo dificulta um dado importantíssimo à Revelação, isto é, o mundo e a experiência humana, sem as quais é impossível falar de Revelação.

Embora sejamos concordes quanto ao caráter *transcendente, independente* e *não derivativo* da Revelação, ela necessita da experiência dos homens para ser conhecida. Fechar-se ao mundo e ao seu movimento de transformação significa tolher a absoluta liberdade de Deus que se manifesta onde, quando e do modo que quiser e sempre na história dos homens.

> A auto Revelação de Deus não é fruto de nossa experiência, mas se manifesta nela como referência interior ao que esta experiência e a linguagem interpretativa de fé produziram. Na resposta de fé que damos na experiência se mostra, em última instância, a interpretação divina, embora por meio dos gestos humanos (SCHILLEBEECKX, 1983, p. 27).

A história humana torna-se mediadora no plano da salvação. Se foi na história que os homens do passado analisaram os conceitos de salvação a partir das suas experiências com Jesus, então é legítimo que os homens e mulheres de todos os tempos, à luz das primeiras experiências, também elaborem seu modo de entender e viver a mensagem de Jesus no tempo em que vivem.

Já que "vivemos num mundo vital diverso, que apresenta problemas e interrogações também diversas e que, num contexto histórico e sociocultural diferente, aborda os problemas sempre presentes na humanidade", então o que está presente na Bíblia não deve ser "aplicado" sem mais ao nosso mundo atual, "como se fosse possível retirar da concha histórica um fruto atemporal" (SCHILLEBEECKX, 1983, p. 31). "Em cada época, com efeito, os cristãos se esforçam por expressar sua experiência da salvação em Jesus, utilizando conceitos experienciais característicos de seu mundo contemporâneo" (SCHILLEBEECKX, 1983, p. 31).

Já que existe uma liberdade do Novo Testamento para falar da experiência de salvação realizada com Jesus utilizando conceitos variados, sem deixar de lado o que é essencial em Jesus, podemos ser livres para que nos expressemos de modo inédito acerca da experiência de salvação que realizamos com ele e também para traduzi-la com a linguagem própria dos nossos dias à luz dos problemas e das expectativas do nosso tempo. Isso requer por parte dos cristãos um otimismo com o mundo, que não é contrário à fé mas, antes, força-a a se atualizar.

Considerações finais

A Revelação de Deus que desperta a consciência da salvação que Deus opera atualiza no mundo, levados a concordar que ela não está estagnada no tempo, nem pode ser pensada prescindindo da sua realização na história humana que, de tempos em tempos, sofre mutação no modo de viver, pensar, sentir, crer etc.

Frente a modernidade, o fundamentalismo surge como contraofensiva ao processo de atualização dos dados da fé na história. Essa resistência, por vezes assegurada pela instrumentalização da autoridade, sob o argumento de seguridade da certeza ou da verdade do passado, acabam por tolher o Espírito renovador da mensagem evangélica vivida e anunciada por Jesus de Nazaré, para os cristãos, Revelação plena e definitiva de Deus.

Deste modo, a Revelação cristã que precisa comunicar sua Boa Notícia aos homens e mulheres de todos os tempos encontra no fundamentalismo um desafio a ser vencido. Atualizar a mensagem da Revelação é movimento possível e necessário e em nada significa abdicar das bases originárias da fé. Esse processo que implica fidelidade à experiência originária e sensibilidade com as mudanças do mundo são indispensáveis para que a novidade advinda de Deus alcance e possibilite às pessoas novos encontros nos tempos futuros.

Enquanto a Revelação de Deus cresce diante das novas possibilidades abertas de transformação da/na história, o fundamentalismo se apresenta como um desafio a ser vencido porque sua motivação, além de dogmatizar as experiências do passado como sendo aplicáveis ao presente, alça um olhar pessimista com a mudança do mundo e não consegue vislumbrar nele um espaço oportuno para a atualidade da fé.

Referências

AKAMINE, Julio Endi. O fundamentalismo não leva em conta a Revelação bíblica. In: **Jornal O São Paulo**. 08 de março de 2014. Disponível em <http://www.arquisp.org.br/regiaolapa/vigario-episcopal/artigos/o-fundamentalismo-nao-leva-em-conta-o-carater-historico-da-revelacao-biblica>. Acesso em 07 de outubro de 2020.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo ao paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dei Verbum**: sobre a Revelação divina. Vaticano II: mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

DREHER, Martin N. O fundamentalismo religioso e sua importância na resolução ou

agravamento do conflito palestino-israelense. **Revista Trimestral Unisinos.** Porto Alegre v. 35, nº 149, setembro de 2005, p. 553-567.

GIBELLINI, Rosino. Introducción: sinceros para con el mundo. La teologia de frontera de Edward Schillebeeckx. In: SCHILLEBEECKX, Edward. **Soy um teologo feliz**. Madrid: Sociedade de Educación Atenas, 1994. pp. 5-13.

PAIM, José de Souza. Revelação, Fé e Anúncio. In: **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015, p. 103-115.

SCHILLEBEECKX, Edward. **História humana, Revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Revelação e Teologia**. São Paulo: Paulinas, 1968.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Em torno al problema de Jesús**: Claves de uma Cristologia. Madrid: Ediciones Cristandad, 1983.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus, a história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHILLEBEECKX, E. **Los hombres relato de Dios**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995.